

VALÉRIA

PMS FMI GERIN

BIBLIOTECA

Jornal

A Tarde

Data

10/06/00

Classificação

Local 04

Seção

Assunto

Gazeta

Valéria

Transporte deficiente isola Valéria

Um misto de distrito industrial e zona semi-rural é a melhor maneira de classificar Valéria, subúrbio cuja principal ligação com o centro de Salvador é a rodovia BR-324. Habitado por uma comunidade pacata, a área sempre teve a fama de ser um local violento por ter vários pontos desertos, como a rodovia BA-528 ou Estrada do Derba, utilizados pelos justiceiros de outras regiões da cidade como ponto de desova. As duas maiores carências da população são um centro de saúde de grande porte e uma rede de transporte eficiente para vencer as grandes distâncias, que boa parte dos habitantes é obrigada a percorrer a pé.

NOSSO BAIRRO



MARJORIE MOURA

O constante tráfego de caminhões e de outros veículos de carga, oriundos de indústrias e grandes depósitos, é a principal característica de Valéria, comunidade da periferia de Salvador, separada da pedreira que leva seu nome pela rodovia BR-324. As explosões que tanto atormentam a vizinha Palestina, não chegam a incomodar os moradores, que vivem em ritmo lento de cidade do interior. A área total de 7.500 quilômetros quadrados abriga uma população de pouco mais de 60 mil pessoas, que moram nas milhares de casas edificadas em ruas sem pavimentação, tanto na parte mais antiga, quanto nas invasões, como "Penacho Verde", "Bolachinha", "Derba" e outras.

Segundo moradores mais antigos, a ocupação da área teve início no período da Independência da Bahia, em 1823, sendo reivindicada sua participação como ponto de reunião de tropas brasileiros neste período. O que existiu de concreto foi a existência da grande Fazenda Valéria, que aos poucos foi sendo desmembrada e ocupada principalmente por pequenas indústrias e armazéns, devido à sua proximidade com o Centro Industrial de Aratu. O bairro abriga a fábrica da Alimba, que resistiu durante décadas às mudanças econômicas do país, até ser vendida ao grupo Parmalat, que a fechou há quatro meses, desempregando 140 funcionários.

Da fazenda original restam ainda antigas chácaras, muitas delas abandonadas e outras com anúncios de venda de lotes por corretores. O bairro se limita com Águas Claras, Fazenda Coutos, Paripe e a área da Usiba. É cortado pela grande Rua da Matriz, além de ter outras vias, como as ruas Boca da Mata, Paulo Gonçalves e José Guimarães. O tráfego constante de veículos de carga é uma das causas da péssima conservação do asfalto, cuja cobertura só existe nas vias principais.

Demora

Mas a principal queixa dos habitantes é quanto ao sistema de transporte. Valéria é servido pelas empresas Transol e São Pedro, que trafegam para Lapa, Estação Pirajá, Barroquinha e Comércio. O electricista Antônio Oliveira dos Santos, 46 anos, que reside há oito no local, diz que a quantidade de coletivos é pequena e muitas vezes os passageiros são obrigados a esperar

LOCALIZAÇÃO



até duas horas por veículos de algumas linhas. Ele acrescenta que trabalhadores e estudantes que têm horário fixo para suas atividades são obrigados a fazer grandes caminhadas para um ponto de ônibus existente na rodovia, para não chegarem atrasados a seus compromissos.

Essa deficiência agrava a falta de assistência médica de emergência, uma vez que o posto de saúde Frei Benjamin é voltado apenas para casos de urgência, pequenos curativos e vacinação. A partir da próxima segunda-feira, uma ginecologista reiniciará o programa de planejamento familiar, interrompido há quase um ano. Os moradores temem a ocorrência de problemas de saúde durante a noite, quando o único

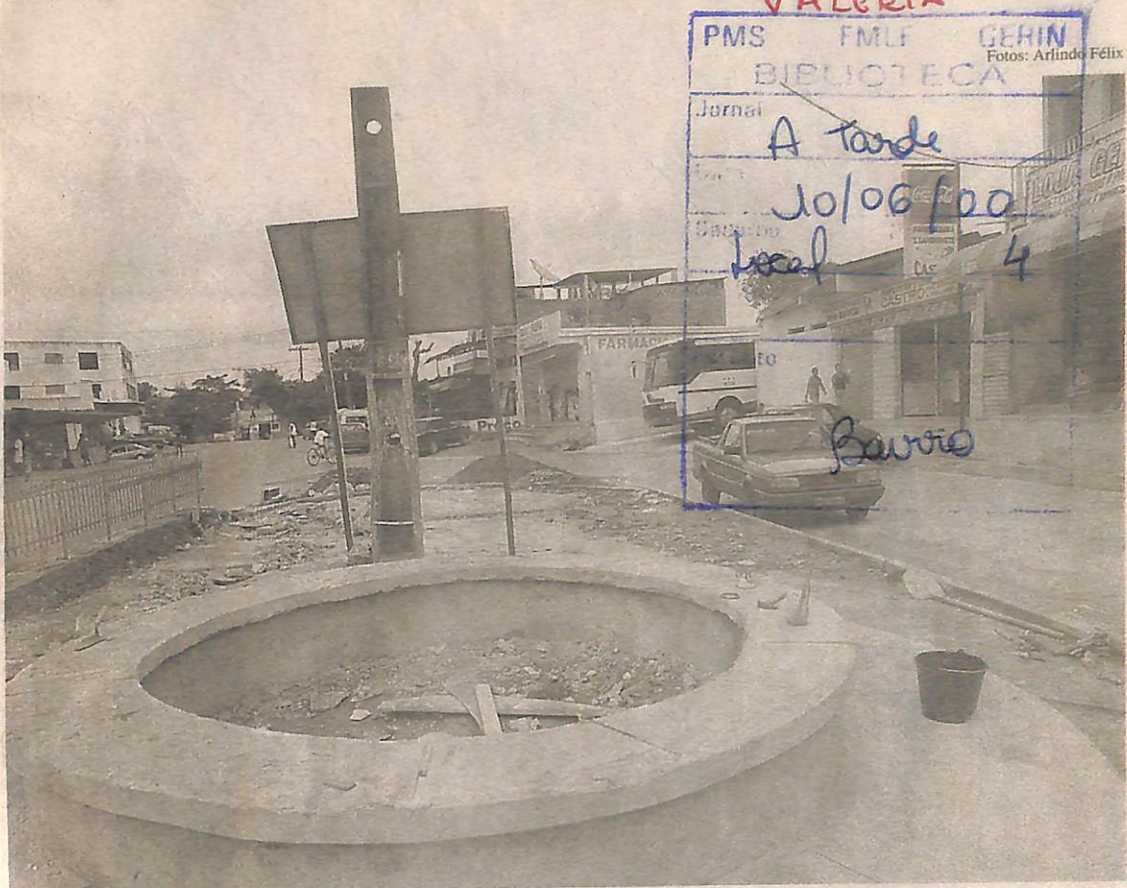
socorro disponível é providenciado pelos policiais militares do módulo existente em frente à Praça da Matriz.

Segundo o soldado Juca, Valéria é uma área muito tranquila e as ocorrências mais comuns são brigas domésticas nos fins de semana, quando há excesso no consumo de bebidas. Ele acrescenta que os pequenos furtos e o encontro de cadáveres de vítimas de homicídio também acontecem, mas invariavelmente são crimes praticados por pessoas que não moram na região. Apesar da boa vontade dos policiais de serviço na área, dizem os moradores, estes não podem resolver todos os problemas, porque Valéria é muito grande e eles não dispõem de viatura.

Explicação para o abandono

Algumas obras estão sendo realizadas ao longo da Praça da Matriz, existindo ainda a perspectiva da abertura do centro comunitário e a solicitação para a construção de um hospital distrital nas atuais instalações do Derba. Alguns políticos se instalaram recentemente no bairro com clínicas médicas gratuitas. O motorista Manoel Vitorino do Nascimento, 51 anos, diz que em 1999 os candidatos apareceram no período eleitoral, fizeram obras baratas, consertando e pintando meio-fios, e depois nunca mais apareceram.

Um dos argumentos usados pelos políticos este ano, de acordo com moradores, é que o abandono de Valéria pela Prefeitura de Salvador é provocado pelo fato de muitos deles votarem em municípios vizinhos, como Simões Filho e Candeias. Por este motivo, dizem, eles incentivaram os eleitores a mudar seus domicílios eleitorais, mas não existe nenhuma garantia de suas promessas. Os candidatos também fazem propaganda do Colégio Estadual Noemia Rego, que segundo eles, resolveu o problema da falta de vagas para o 2º grau.



A Rua da Matriz, que atravessa toda a localidade, está sendo submetida a obras superficiais

Moradores foram ludibriados

Além do clima agradável propiciado pela altitude de 208 metros, reservas vegetais e cinco nascentes fazem parte de Valéria, que abriga ainda parte da Área de Proteção Ambiental Lagoa da Paixão. Ao redor desta vem se desenrolando o drama de 1.800 famílias que adquiriram lotes nos conjuntos Recanto dos Curiós, Recanto das Flores, Nova Brasília e Palmeiras. A área foi desmatada, terraplenada e dividida pelas empresas São Jorge e Machado Empreendimentos.

O problema é que a região é parte reivindicada pelo Inocoop, que solicitou à Sucom a demolição de dezenas de residências. A outra parte é ocupada pelos brejos e lagoas da APA, mas mesmo as áreas alagadas foram vendidas pelas imobiliárias, cujo responsável desapareceu. Os moradores dos lotes, que não possuem nenhuma infra-estrutura, recorreram à defensoria pública e estão se organizando na Associação União das Mães de Valéria.

Um homem identificado co-

mo Raimundo, que era procurado no cartório do 2º Ofício, no Edifício Fundação Politécnica, também enganou moradores. Ele fornecia as escrituras mediante o pagamento de R\$ 136. Mas o documento é falso e agora as vítimas não têm como recuperar o dinheiro. A região ocupada pelas centenas de residências é de solo arenoso. A área, que antes era protegida por uma mata fechada, vem sofrendo uma séria erosão e em muitos pontos existe a ameaça de desabamento.

Comunidade tem área de lazer

O Centro Social Urbano Papa João Paulo I existe há 20 anos e é o grande clube social do bairro, onde acontecem festas, casamentos, batizados, formaturas e todos os grandes eventos da comunidade. A diretora Neida Barbosa da Silva explica que para o CSU convergem todos os moradores, porque no local existe uma pré-escola, atendimento a idosos, quadras esportivas e cursos profissionalizantes. Na unidade de ensino estudam 240 crianças de quatro a sete anos, que recebem material e merenda escolar, além do fardamento.

O grupo de idosos é formado por 306 homens e mulheres com idades de 50 a 96 anos. Eles têm uma atenção especial, contando com cursos de artesanato, assistência médica, ginástica, alimentação a cargo de uma nutricionista, participando ainda de passeios e festas, explica Neida. Muitas dessas pessoas, revela, são extremamente carentes e muitas vezes são maltratadas pela família com a qual reside em barracos das inúmeras invasões de Valéria. De um modo geral,



Quadra de esportes precária é reparada pelos próprios moradores

diz, a comunidade é formada por pessoas de boa índole, mas a extrema pobreza provoca os conflitos domésticos.

Os jovens contam com duas quadras, onde praticam basquete, vôlei e futebol de salão, mas reclamam da falta de reparos

nos alambrados e equipamentos. Muitas vezes, afirmam, são obrigados a fazer "vaquinhas" para consertar as traves do gol ou os aros da tabela. Os moradores contam ainda com dois campos de futebol no bairro, mas sem qualquer estrutura.